

Uma linguística de línguas orais e sinalizadas

Paulo Jeferson Pilar Araújo*

Resumo: Discute-se a possibilidade de uma linguística que encare as duas modalidades de língua, orais e sinalizadas, de uma forma mais integrada, de modo que os possíveis efeitos de modalidade sejam vistos não como pontos de divergência, mas de convergência nas investigações sobre a linguagem humana. Argumenta-se ainda que tal posicionamento não enfraquece o estatuto da linguística das línguas de sinais, pelo contrário, reafirma a particularidade da área. Defende-se que atentar para as duas modalidades de línguas concomitantemente traz muitos mais ganhos, teóricos, descritivos e metodológicos, do que simplesmente haver pesquisas em áreas separadas para depois buscar-se uma integração de resultados de pesquisas. Nesse ponto, o conceito de “evidência convergente” em linguística surge como o fio embaixador para a consolidação de uma linguística, *grosso modo*, bimodal. Para tanto, discutem-se as semelhanças e diferenças entre línguas orais e sinalizadas, como também os efeitos de modalidade, para então se fazer um posicionamento teórico e metodológico em relação às duas modalidades de línguas sem desconsiderar um pluralismo epistemológico.

Palavras-chave: Efeitos de modalidade. Línguas de sinais. Línguas orais. Evidências convergentes.

A SPOKEN AND SIGNED LANGUAGE LINGUISTICS

Abstract: This article discusses the possibility of a linguistics branch which sees the two language modalities, oral and signed, in a more integrated way, so that the possible modality effects are seen not as points of divergence, but convergence in researching human languages. It is also argued that such a position does not weaken the status of sign language linguistic, however, reaffirms the uniqueness of the area. It is argued that paying attention to the two types of languages simultaneously brings much more gains, theoretical and methodological than simply researching into separate areas and then picking up an integration of research results. At this point, the concept of "converging evidence" in linguistics emerges as the foundation concept for the consolidation of a, *grosso modo*, bimodal linguistics. Therefore, we discuss the similarities and differences between oral and signed languages, as well as the modality effects, and then make a theoretical and methodological position in relation to two types of languages without disregarding an epistemological pluralism.

Keywords: Modality effects. Signed languages. Oral languages. Converging evidence.

1 Introdução

No Brasil, os estudos linguísticos acerca das línguas de sinais tem mostrado um crescimento significativo, contando com textos introdutórios voltados exclusivamente para as questões de descrição e análise linguística da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS (FERREIRA-BRITO, 1995; QUADROS; KARNOPP, 2004; entre outros), além de

* Doutor em Linguística pela Universidade de São Paulo-USP. Professor Adjunto no Curso de Letras-LIBRAS da Universidade Federal de Roraima-UFRR. Líder do ‘Laboratório de Pesquisas em Línguas Orais e Sinalizadas-LaPLOS’. E-mail: paulo.pilar@ufrr.br.

dicionários (CAPOVILLA ; RAPHAEL; MAURICIO, 2010; entre outros), sem mencionar as diversas teses e dissertações que têm sido desenvolvidas nos programas de pós-graduação pelo país. Os esforços conjuntos para o reconhecimento da LIBRAS como língua oficial, a implantação de cursos de Letras-LIBRAS em algumas universidades e a crescente produção científica voltada para a LIBRAS têm ensejado o desenvolvimento de uma emergente linguística de língua de sinais (*Sign Language Linguistics*) no Brasil, com uma possível internacionalização dos estudos da LIBRAS, a exemplo de outras línguas de sinais como a Língua de Sinais Americana (*American Sign Language-ASL*), a Língua de Sinais Britânica (*British Sign Language-BSL*), a Língua de Sinais Francesa (*Langue de Signes Française*), etc.

O êxito da linguística das línguas de sinais não tem passado despercebido entre outras áreas emergentes da linguística brasileira (a exemplo da linguística africana, campo em consolidação no Brasil. Cf. PETTER; ARAÚJO, 2015), o que tem chamado a atenção de pesquisadores que antes nunca haviam atentado para uma outra modalidade de língua e para checar nessa modalidade os mesmos fenômenos pesquisados em línguas faladas. Para os neófitos da linguística das línguas de sinais um primeiro contato com a literatura sobre essas línguas se dá geralmente com comparações entre a língua de sinais do seu país e a língua majoritária, de modalidade falada. No caso do Brasil, são a LIBRAS e a língua portuguesa. Sendo a ASL uma das línguas de sinais mais estudadas no mundo, boa parte de estudos sobre a LIBRAS é pautada em estudos já realizados na ASL.

Neste artigo, são traçados alguns apontamentos sobre a relação entre a linguística das línguas de sinais e as línguas faladas, esta dominante nas tradições dos estudos linguísticos. Para isso, será feita uma breve revisão sobre os principais pontos chamados em pauta quanto à constituição do campo de pesquisa das línguas de sinais e como tem sido a relação desses pontos com as línguas orais. O que se enseja fazer aqui é iniciar um debate sobre a imanência de uma linguística que, atenta às particularidades de modalidade das línguas humanas - orais e sinalizadas – prestigie um fio condutor comum que abarque as duas modalidades de língua, em outras palavras, uma linguística de línguas orais e sinalizadas, a partir das evidências que convergem das pesquisas em cada uma das modalidades.

O artigo está organizado como segue: na próxima seção discute-se a relação da Linguística das Línguas de Sinais com a Linguística Geral. Em seguida, focalizam-se as semelhanças e diferenças das modalidades visuoespaciais e oral-auditivas de línguas, enfatizando os efeitos de modalidade. Por fim, discute-se a alternativa de encarar a linguística

das línguas de sinais juntamente com a das línguas orais, a qual poderia ser denominada como uma linguística de línguas orais e sinalizadas ou, *grosso modo*, uma linguística bimodal. Essa ramificação dos estudos linguísticos tomaria uma perspectiva mais ampla e abrangente nas pesquisas ao considerar ao mesmo tempo tanto as línguas de sinais como as línguas orais, recorrendo ao conceito de evidência convergente para a possibilidade dessa integração.

2 A Linguística e a Linguística das Línguas de Sinais

A linguística das línguas de sinais está consolidada no âmbito internacional contando com diversas revistas científicas, publicações de manuais, livros-textos e laboratórios em grande parte das universidades do mundo¹. Apesar de seu recente nascimento com a publicação de Stokoe (1960) e a resistência da comunidade de linguistas em aceitar o estatuto linguístico dessas línguas, ocorrendo em fins da década de 1970 com o trabalho de Klima e Bellugi (1979), a linguística das línguas de sinais figura na grande área da Linguística juntamente com outras áreas emergentes.

A linguística das línguas de sinais seria então a área dos estudos linguísticos voltada para as especificidades das línguas de natureza gestual e espacial, entrando no rol das diversas ramificações da linguística, da mesma forma que a linguística africana ou crioulista (PETTER; ARAÚJO, 2015), como já mencionado, para ficarmos com um exemplo similar no contexto brasileiro. É inegável a contribuição para a ciência linguística dos resultados e particularidades das línguas sinalizadas, da mesma forma que o estudo das línguas não indo-europeias, como as línguas indígenas das Américas e as línguas do continente africano revolucionaram em alguns campos as teorias linguísticas². Nas palavras de McBurney (2012, p. 924):

¹ Sugere-se uma visita à webpage da Sociedade de Linguística de Língua de Sinais (*Sign Language Linguistics Society-SLLS*): <http://slls.eu/>.

² Novamente, o exemplo vem das línguas africanas que serviram como ponto de partida para teorias formais da linguagem que se opunham às teorias gerativistas do *mainstream*, nesse caso, o surgimento da Gramática Léxico-Funcional, criada como alternativa à Gramática Gerativa. A Gramática Léxico-Funcional foi amplamente pautada em dados de línguas do grupo banto (PETTER; ARAÚJO, 2015).

Em contraste com *Sign Language Structure* (Estrutura das línguas de sinais de Stokoe), *SOL* (*Signs of Language* de Klima e Bellugi) (ELS) foi amplamente lido por linguistas e acadêmicos, de disciplinas relacionadas. *SOL* foi, e continua sendo, visto como uma contribuição divisora no campo, contribuição essa que demonstra como as línguas humanas não precisam ser apenas faladas e como a capacidade humana para a linguagem é muito mais profunda que a mera capacidade para comunicação oral-auditiva. (grifo nosso)³

A revolução realizada por Stokoe (1960) vai muito além do que a criação de uma nova área de investigação por trazer à tona as possibilidades de análise de línguas em outra modalidade que não apenas a modalidade oral-auditiva. Esse reconhecimento produziu e tem produzido um vasto campo de pesquisas que não se resume apenas a comparar as línguas de sinais com as línguas orais, apesar de tal comparação estar ainda na base de diversos estudos.

Desconsiderando a necessidade de um histórico, mesmo que breve, da linguística das línguas de sinais⁴, passa-se a discutir na próxima seção os pontos particulares e compartilhados entre as duas modalidades de língua de interesse neste trabalho. Em seguida, prossegue-se na discussão sobre a necessidade de uma linguística que contemple ambas as modalidades de uma forma caleidoscópica.

3 Línguas espaço-visuais e oral-auditivas

Para a linguística atual há duas maneiras de as línguas existirem: elas podem ser faladas ou sinalizadas, podendo ainda haver uma terceira modalidade gestual-táctil, a forma como as línguas de sinais são produzidas por surdos-cegos (QUINTO-POZOS, 2002).

Por modalidade, entende-se como o sistema biológico e físico utilizado como canal de uma dada língua, para o caso das línguas de sinais, o sistema visual e espacial realizado em grande parte com as mãos; para as línguas faladas o trato vocal juntamente com a audição. O fato de as línguas humanas poderem existir em dois canais físicos e perceptíveis diferentes

³ Todas as citações em inglês foram traduzidas livremente pelo autor, com alguns acréscimos como o da citação acima em que o artigo *Sign Language Structure* foi traduzido entre parênteses. Dessa forma, serão dadas as fontes originais em nota de rodapé. Para esta citação, eis o original: “In contrast to *Sign Language Structure*, *SOL* was widely read by linguists and scholars from related disciplines. *SOL* was, and still is, viewed as a groundbreaking contribution to the field, one that demonstrates how human language does not have to be spoken, and how the human capacity for language is more profound than the mere capacity for vocal-auditory communication.”

⁴ Remete-se ao trabalhos de McBurney (2012) e Newport e Supalla (2000) para uma apreciação do histórico da linguística de línguas de sinais.

tem desdobramentos significativos, ainda mais quando estão em jogo questões de universais linguísticos (SANDLER; LILLO-MARTIN, 2009). Alguns estudos têm se concentrado sobre as semelhanças e diferenças entre as duas modalidades de língua e os efeitos decorrentes das línguas de sinais serem produzidas via um canal gestual e espacial. O mesmo poderia ser dito das línguas faladas, caso o cenário fosse o oposto, o das línguas de sinais serem em maior número e os estudos da linguagem terem iniciado pelas línguas de sinais. Caso o contrário fosse a realidade, e as línguas orais fossem em menor número e recentemente descobertas, seriam mencionados os efeitos de modalidade das línguas produzidas pela via oral. Vejam-se algumas rápidas palavras sobre essas diferenças e semelhanças e os referidos efeitos de modalidade, nas próximas subseções.

3.1 Diferenças e semelhanças

Como resultado de anos de pesquisa em que se tentou confirmar o estatuto linguístico das línguas de sinais, existe atualmente uma extensa literatura que esmiúça as semelhanças entre línguas de sinais e orais justamente para reafirmar que línguas de sinais são línguas naturais, apenas são produzidas em uma modalidade diferente. Com isso, grande parte dos fenômenos linguísticos dos níveis fonológico, morfológico, sintático e semântico é analisada nesse sentido, de demonstrar os paralelos entre as mais variadas línguas.

As semelhanças podem ser reunidas sob o rótulo de efeitos de não-modalidade. Meier (2009) resume em uma tabela alguns desses efeitos:

Tabela 1 – Efeitos de não-modalidade: algumas propriedades compartilhadas entre línguas orais e sinalizadas (Adaptado de Meier (2009, p. 2))⁵

Vocabulário convencional; dupla articulação e significados aprendidos
Unidades com significado a partir de itens sublexicais sem significado, sejam eles unidades de som ou gesto.
Atos falhos de fala/Atos falhos de sinais demonstram a importância das unidades sublexicais no processamento linguístico adulto.
Produtividade: vocabulário novo pode ser adicionado a línguas orais e

⁵ Como as tabelas retiradas de Meier (2009) foram adaptadas e não somente traduzidas, uma consulta à fonte original é aconselhável.

sinalizadas:

- Morfologia derivacional;
- Composição;
- Empréstimos linguísticos

Estrutura sintática:

- As mesmas partes do discurso (*Same parts of speech*): nomes, verbos, adjetivos, etc.;
- Subordinação, relativas e orações complementares;

Aquisição: períodos similares em línguas orais e sinalizadas.

Lateralização: dados sobre afasia apontam para o papel crucial do hemisfério esquerdo do cérebro.

Quando o assunto são as diferenças entre línguas de sinais e línguas orais, os efeitos de modalidade são considerados.

3.2 Efeitos de modalidade

Os efeitos de modalidade são, de modo geral, as consequências que os canais físicos produzem nos processos do sistema linguístico produzido. Por exemplo, um sistema linguístico produzido por sons terá que necessariamente ter uma natureza linear por não haver a possibilidade de produzir sons diferentes ao mesmo tempo. Pronunciar a palavra “mãe” e “mão” ao mesmo tempo é praticamente impossível. Diferentemente, em línguas de natureza espacial, com dois articuladores ativos, como as mãos, é possível, mesmo com certas restrições, a produção de sinais de forma simultânea. Na tabela 2, abaixo, estão resumidos os fatores responsáveis pelos efeitos de modalidade:

Tabela 2 – Fontes possíveis de efeitos de modalidade na estrutura linguística (Adaptado de Meier (2009, p. 6))

Propriedades diferentes dos articuladores:

- línguas orais: os órgãos do aparelho fonador
- línguas de sinais: as mãos, expressões faciais, o tronco

Propriedades diferentes dos sistemas perceptuais:

- línguas orais: a forma como a produção de sons é percebida
 - línguas de sinais: a forma como o espaço é utilizado
-

Maior potencial do sistema visuo-gestual para representações icônicas e indexicais: as línguas de sinais por serem línguas que fazem uso do espaço, exploram muito mais as possibilidades figurativas para o sistema linguístico

A ‘juventude’ das línguas de sinais e suas origens em gestos não linguísticos: grande parte das línguas de sinais emergiram ou só foram bem descritas muito recentemente⁶

Conforme diversos autores (LILLO-MARTIN; GAJEWSKI, 2014; MEIER, 2009 entre outros), os efeitos de modalidade são decorrentes principalmente dos seguintes fenômenos: iconicidade; espaço e a simultaneidade⁷.

Tabela 3 – Possíveis resultados dos estudos de efeitos de modalidade das línguas de sinais (Adaptado de Meier (2009, p. 13))

Línguas faladas e sinalizadas compartilham as mesmas propriedades linguísticas. Obviamente os traços distintivos dos sinais e da fala são muito diferentes, mas não há diferenças estruturais significantes
Tendências estatísticas: uma modalidade tem mais instâncias para alguns traços linguísticos do que a outra modalidade
Propriedades tipológicas preferenciais diferem entre as modalidades
Regras de padrões tipológicos que são únicas para uma modalidade específica
Uniformidade relativa das línguas de sinais vs. Diversidade relativa das línguas faladas

Sem dúvida, a temática de estudos sobre efeitos de modalidade ainda promete muito a oferecer nos debates sobre a relação de línguas de sinais e orais, inegavelmente nas áreas interdisciplinares como a antropologia, neurociências, inteligência artificial, ou seja, nas ciências cognitivas de modo geral. Sem negar ainda o alcance que as análises comparativas e contrastivas dos estudos linguísticos bimodais têm a oferecer, pode-se afirmar que uma tendência, desejável até, das comparações e contrastes, seja a de uma possível convergência de resultados, podendo ocorrer uma integração na qual as diferentes modalidades de língua sejam estudadas de uma forma menos fracionada, em que os resultados provenientes das

⁶ O Ethnologue (2016) registra 141 línguas de sinais no mundo, algumas delas são línguas emergentes que estão surgindo em pequenas comunidades de surdos.

⁷ Boa parte desta subseção é baseada em Meier (2009). Além desse autor, os trabalhos de Sandler e Lillo-Martin (2006) e Lillo-Martin e Gajewski (2014) são boas sugestões para um aprofundamento sobre a temática a respeito dos referidos efeitos de modalidade.

línguas de sinais não fiquem restritos à linguística das línguas de sinais e o mesmo para a linguística que apenas se ocupa das línguas orais.

Talvez um dos aspectos dos estudos dos efeitos de modalidade que mais tem chamado a atenção seja a dos universais linguísticos (SANDLER; LILLO-MARTIN, 2006). As palavras de Newport e Supalla (2000, p. 112) expressam de forma interessante essa busca de universais:

Universais de línguas de sinais e orais podem não ser precisamente os mesmos de cada modalidade nem inteiramente diferentes, por outro lado, a modalidade (juntamente com outras restrições que modelam as línguas) pode afetar quais as formas disponíveis para produzir um sistema linguístico são utilizados e, assim, onde há ou não variação translinguística.⁸

Pensando dessa maneira, com uma postura epistemológica pluralista, pode-se argumentar e, mesmo que timidamente, insinuar a possibilidade de uma linguística que contemple em conjunto ambas as modalidades de línguas no mundo. Conforme será detalhado a partir de agora.

4 Por que uma linguística de línguas orais e sinalizadas?

Conforme já mencionado, a primeira análise linguística moderna de uma língua de sinais foi realizada por Stokoe (1960), mas somente em fins da década de 1970 e início da década de 1980 que a comunidade científica começou a se convencer do estatuto linguístico das línguas de sinais. Por esse período, os estudos das línguas de sinais se baseavam em duas abordagens principais, conforme Karlsson, citado por Vermeerbergen (2006, p. 60): uma pautava-se na “visão de compatibilidade das línguas orais” (*oral language compatibility view*) e outra na “visão diferenciada das línguas de sinais” (*sign language differential view*). Enquanto a primeira partia da visão de como as línguas de sinais eram compatíveis com as línguas orais, a segunda enfatizava o que seria “diferente” ou particular das línguas de sinais.

Segundo Vermeerbergen, a primeira visão foi a predominante nos primeiros anos de estudos na Linguística das línguas de sinais. Um dos principais motivos para essa

⁸ Do original: “Universals of signed and spoken languages may neither be precisely the same as one another nor entirely different; rather, modality (along with other cognitive constraints that shape languages) may affect which of the available ways to build a linguistic system is utilized, and therefore where there is and is not cross-linguistic variation.”

predominância foi a necessidade de linguistas, como Stokoe, de demonstrar que as línguas de sinais são línguas naturais como quaisquer outras línguas, a exemplo das línguas de modalidade oral-auditiva. Não por acaso, sabe-se que os principais compêndios de linguística do início do século XX, de Sapir a Bloomfield, minimizavam ou mesmo ignoravam a relevância das línguas de sinais, por igualarem a linguagem com o aparelho fonador humano (MEIER, 2009, p. 1-2), portanto, com a fala.

Dentre outras motivações para a visão de compatibilidade com as línguas orais, Vermeerbergen (2006, p. 61-2) lista: (i) a não fluência nas línguas de sinais por parte dos primeiros pesquisadores, o que os forçavam a buscar uma perspectiva a partir de línguas faladas, mais familiares para eles; (ii) a busca por universais linguísticos como a ordem de palavras, deixando de fora particularidades das línguas de sinais como a simultaneidade; (iii) a dificuldade, ainda atual, de transcrição dos dados de línguas visuoespaciais; (iv) diferenças categoriais entre línguas de sinais e faladas eram minimizadas quando os pesquisadores utilizavam como dados traduções de línguas orais para línguas de sinais. Não raramente o que se estudava eram versões sinalizadas das línguas orais, geralmente a língua nativa do pesquisador.

Já nas décadas posteriores, as particularidades das línguas de sinais serão a pauta do dia nas pesquisas, nomeadamente aquelas dos efeitos de modalidade (Cf. 3.2), ou seja, em que e como as diferenças de articuladores e dos sistemas perceptuais contrapõem as línguas de sinais em relação às línguas orais. Um dos desenvolvimentos mais promissores na pesquisa de línguas de sinais nos últimos anos têm sido os estudos ocupados com mais de uma língua de sinais, conforme apontado por Newport e Supalla (2000). Com a descrição de outras línguas de sinais não europeias tem se tornado viável estudos comparativos e contrastivos entre línguas de sinais. Essa nova perspectiva tira um pouco o foco das diferenças entre as línguas de sinais e línguas orais para buscar identificar em que as diferentes línguas de sinais são mais próximas ou distantes tipologicamente.

Ainda sob essa perspectiva é praticamente inevitável recorrer às línguas orais para efeito de resultados comparativos. Nesse sentido, atestam-se que as línguas de sinais aparentam exibir uma relativa uniformidade entre si se comparadas às línguas orais com sua diversidade tipológica aparentemente maior (MEIER, 2009, p. 18).

Os aspectos linguísticos discutidos até o momento sobre a relação entre línguas de sinais e orais têm reafirmado a necessidade de um maior aprofundamento da linguística das línguas de sinais, sem perder o vínculo com os resultados das línguas que estão sendo estudadas há mais tempo na história da linguística. Uma pergunta que surge é a de uma possível tendência de que à medida que as línguas de sinais estejam mais bem descritas e inseridas nos grandes debates teóricos da linguística geral, temas antes restritos a uma determinada modalidade de língua tenham que necessariamente levar em conta a outra modalidade. Em outras palavras, quando os linguistas das línguas orais tiverem uma proximidade maior com a linguística das línguas de sinais, questionamentos que são tratados apenas nos compêndios de línguas orais serão confrontados com dados de línguas de sinais, abrangendo assim questões teóricas antes restritas somente às línguas de sinais, em consonância com as questões já conhecidas das línguas orais.

Mais diretamente, pergunta-se: por que seria necessária uma linguística de línguas orais e sinalizadas? A impressão que se tem é a de que a linguística passou a ser bimodal a partir do instante em que as línguas de sinais foram chamadas para testar as concepções de linguagem humana, no entanto, esse não é necessariamente o caso. Um argumento para isso é a quase total inexistência de dados de línguas de sinais em manuais de descrição e análise linguística (PAYNE, 2006)⁹, e quanto aos manuais voltados para metodologias de pesquisa em línguas de sinais, os autores recorrem às línguas orais de uma forma ainda de contraponto e não de ponto de contato. Não se pode esquecer que a tradição dos estudos linguísticos sempre esteve atrelada às línguas orais, no entanto, a existência das línguas de sinais exige que a linguística seja, sim, bimodal. Dessa forma, pode-se parodiar o trabalho de Lillo-Martin e Gajewski (2014) e perguntar: uma linguística ou duas?

4.1 Uma linguística ou duas?

O que se propõe aqui não é simplesmente uma unificação de áreas, de modo que a área da linguística da língua de sinais seja submergida pela da linguística geral, mas sim que os resultados do campo de investigação das línguas de sinais sejam mais integrados com o das

⁹ Mais recentemente, em uma obra de três volumes, Dixon (2010a; 2010b; 2012) menciona raras vezes as línguas de sinais. No primeiro volume apenas atesta a particularidade dessas línguas (DIXON, 2010a, p. 90); no segundo volume, recorre às línguas de sinais ao falar sobre palavra fonológica (2010b, p. 12) e prosódia (2010b, p. 339). Apenas no terceiro volume (2012), Dixon faz uso de dados de línguas de sinais para tratar de singular/plural (2012, p. 47) e negação (2012, p. 90, 105).

línguas orais, o que poderá ser muito mais proveitoso para ambas as áreas. Novamente, forçando um pouco a terminologia, poderia se falar de uma linguística inter ou trans ou bimodal, isto é, uma linguística que transite por ambas as modalidades de língua. Indo mais longe, o que se sugere é que ao invés de se investigar um dado fenômeno da linguagem em uma modalidade de língua para depois verificar o mesmo fenômeno em outra modalidade, o ponto de partida deve ser de análises preocupadas com as duas modalidades de línguas ao mesmo tempo.

É tentador comparar o caso da linguística das línguas de sinais com o da linguística das línguas crioulas. Por um bom tempo as línguas crioulas não recebiam o estatuto linguístico que atualmente recebem e a crioulística, ou seja, a linguística das línguas crioulas, era subestimada no rol das demais áreas dos estudos da linguagem. Com a consolidação do campo da crioulística, as diversas línguas crioulas têm recebido a devida atenção, sendo promovidas a línguas na educação e mesmo a línguas oficiais nos países onde são faladas. Embora as línguas crioulas tenham um estatuto e um campo de pesquisa bem delimitados, alguns pesquisadores se posicionam contra a dita “excepcionalidade” das línguas crioulas, como línguas particulares que emergiram de contextos sociais e históricos particulares. Tais pesquisadores, como DeGraff (2003), defendem que as línguas crioulas são línguas como quaisquer outras línguas não crioulas existentes, o que tem causado a fúria de crioulistas que receiam, de certo modo, perder a autonomia do seu campo de estudo.

Praticamente o mesmo cenário pode ser observado para o caso das línguas de sinais. Até recentemente não eram reconhecidas como línguas. Possuem agora uma área própria de estudos e pesquisas. Há também estudiosos que defendem que as gramáticas das línguas sinalizadas e faladas são fundamentalmente as mesmas (LILLO-MARTIN; GAJEWSKI, 2014, p. 387). E o grande receio para áreas que ganharam autonomia mais recentemente é a de que se perca tal autonomia ao ser integrada numa área de estudos maior. Note-se que o mesmo pode ser advogado para outras áreas, digamos, minoritárias da Linguística¹⁰, e não apenas para as duas áreas citadas acima.

Para um melhor embasamento do que se tem defendido até o momento, a próxima seção será dedicada a uma característica de áreas “jovens” da linguística conhecidas como

¹⁰ Considera-se aqui o termo de áreas ‘minoritárias’ em linguística as áreas que ainda estão em processo de consolidação ou que recebem pouca atenção no rol dos sub-ramos da linguística, por exemplo, a linguística forense, educacional, evolucionária, etc. Entretanto, não se entrará no mérito da questão.

modelos baseados no uso, notadamente da linguística cognitiva, o conceito de convergência de evidências ou evidências convergentes. Espera-se que com esse conceito a proposta de uma linguística de línguas orais e sinalizadas seja mais convincente.

5 Evidências convergentes: ponto de partida para uma linguística de línguas orais e sinalizadas

Na breve explanação sobre os efeitos de modalidade, tanto em línguas de sinais como em línguas faladas, percebe-se uma confluência de pontos em comum entre ambas as modalidades.

Em áreas como a das ciências cognitivas, o termo “evidências convergentes” tem figurado frequentemente, quando entram em palco questões metodológicas ou debates decorrentes de diferentes perspectivas teóricas sobre um mesmo assunto. Na psicologia, Stanovich (2013, p. 123) explora as possibilidades de ganhos teórico e metodológico quando se atenta para as evidências que convergem, apesar das diferentes metodologias empregadas em psicologia. Schönefeld (2011) pontua que evidência convergente emerge quando um fenômeno é analisado a partir de mais de uma perspectiva metodológica (2011, p. 1). Para o caso das línguas orais e sinalizadas, interessa um segundo tipo de convergência de evidências apontado por Steen (2007) citado por Schönefeld (2011, p. 1):

Steen (2007: 21) identifica um Segundo tipo de evidência convergente que resulta do ‘pluralismo fenomenológico’. O segundo tipo enquadra evidências provenientes de análises de fenômenos alegadamente idênticos em diferentes domínios, sendo problemático isso por necessitar da certeza de que tais fenômenos são realmente de mesma natureza.¹¹

Sem dúvida, pode-se afirmar que esse seja o caso dos fenômenos de linguagem observados nas línguas de sinais e orais. Ainda que os efeitos de modalidade sejam importantes para a caracterização de cada língua, os fenômenos linguísticos estudados convergem para conclusões únicas. Sandler e Lillo-Martin (2006, p. 7-16) apontam para diversos aspectos gramaticais das línguas de sinais que não só se aproximam das línguas orais

¹¹ Do original: “Steen (2007: 21, this volume) identifies a second type of converging evidence that results from ‘phenomenological pluralism’. The second type encompasses evidence gained from analyses of an allegedly identical phenomenon in different domains and is problematic in that it needs to be sure that the phenomenon are the same indeed (...).”

como também corroboram propriedades consideradas únicas da linguagem humana, tais como a recursividade.

Falar de evidências convergentes em linguística, e em particular na linguística de línguas de sinais, é se apropriar dos resultados de pesquisas em áreas como a de aquisição da linguagem (PICHLER, 2012; QUADROS, 1997), contatos de línguas (ADAM, 2012; QUADROS; SOUSA, 2012), apenas para ficar com alguns exemplos.

Quando for percebido em linguística que os ditos efeitos de modalidade podem e devem ser estudados não como características que apenas diferenciam as duas modalidades de línguas, mas como fatores que sinalizam para universais linguísticos independentes dos diferentes canais e sistemas perceptíveis da faculdade da linguagem humana, os pesquisadores poderão pensar na plausibilidade de uma linguística de línguas orais e sinalizadas. Como bem resumiram Lillo-Martin e Gajewski (2014, p. 398):

Quais seriam os efeitos de modalidade das línguas faladas? Uma vez que as línguas de sinais e orais sejam consideradas em conjunto, quais são os verdadeiros universais linguísticos e de onde eles proveem? Essas e muitas outras questões continuarão a tornar a linguística de língua de sinais mais engajada, à medida que o trabalho continue a moldar nossa concepção de natureza da linguagem humana¹².

O que indica que um campo da linguística das línguas orais e sinalizadas está perto de tornar mais completo nosso conhecimento sobre a linguagem humana.

6 Conclusão

Apoiar uma visão complementar entre as linguísticas não diminui a legitimidade ou autonomia da área da linguística das línguas de sinais. Pelo contrário, deverá fortalecer a visibilidade dos resultados dos estudos das línguas de sinais, sem deixar de buscar os efeitos de modalidade que caracterizam a modalidade gestual-espacial dessas línguas.

A impressão que se tem é a de que os pontos discutidos neste artigo são óbvios se se considera que muitos acadêmicos das línguas de sinais não negam que a linguística das

¹² Do original: “What are the modality effects of spoken languages? Once sign and spoken languages are considered together, what are the true linguistic universals, and where do they come from? These and many other questions will continue to engage sign linguists as their work continues to mold our conception of the nature of human language.”

línguas de sinais está em sintonia com as diversas outras linguísticas. O ponto crucial dos argumentos aqui reunidos é a de que a formação de um campo de pesquisa voltado exclusivamente para as **intersecções** entre os estudos linguísticos de línguas orais e sinalizadas poderá preencher as lacunas ainda encontradas em investigações sobre a linguagem humana, principalmente quando se leva em conta a questão da modalidade e das estruturas linguísticas (MEIER; CORMIER; QUINTO-POZOS, 2009; VERMEERBERGEN, 2006) como também de universais linguísticos (SANDLER; LILLO-MARTIN, 2006).

Referências

- ADAM, Robert. Language contact and borrowing. In: PFAU, Roland; STEINBACH, Markus; WOLL, Benice. *Sign Language – An International Handbook*. Berlim: Mouton de Gruyter, 2012.
- CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D.; MAURICIO, A.C.; *Novo Deit-Libras: Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da Língua de Sinais Brasileira*. São Paulo: Edusp, 2010.
- DEGRAFF, Michel. Against creole exceptionalism. *Language*, v. 79, n. 2, 2003.
- DIXON, R. M. W. *Basic Linguistic Theory: Methodology*. Vol. 1. Oxford: Oxford University Press, 2010a.
- _____. *Basic Linguistic Theory: Grammatical topics*. Vol. 2. Oxford: Oxford University Press, 2010b.
- _____. *Basic Linguistic Theory: Further grammatical topics*. Vol. 3. Oxford: Oxford University Press, 2012.
- ETHNOLOGUE. *Sign languages*. Disponível em: <<http://www.ethnologue.com/subgroups/sign-language>> Acesso em 1 de abril de 2016.
- FERREIRA-BRITO, L. *Por uma gramática das línguas de sinais*. Tempo Brasileiro. UFRJ. Rio de Janeiro, 1995.
- KLIMA, Edward; BELLUGI, Ursula. *The signs of language*. Cambridge: Harvard University Press, 1979.
- LILLO-MARTIN, Diane; GAJEWSKI, Jon. One Grammar or two? Sign languages and the nature of human language. *WIREs Cognitive Science*, 5: 387–401, 2014.
- MCBURNEY, Susan. History of sign language and sign language linguistics. In: PFAU, Roland; STEINBACH, Markus; WOLL, Benice. *Sign Language – An International Handbook*. Berlim: Mouton de Gruyter, 2012.
- MEIER, Richard P. Why different, why the same? Explaining effects and non-effects of modality upon linguistics structure in sign and speech. In: MEIER, Richard P.; CORMIER, Kearsy; QUINTO-POZOS, David. *Modality and structure in signed and spoken languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

NEWPORT, Elissa L.; SUPALLA, Ted. Sign language research at the millennium. In: EMMOREY Karen; LANE, Harlan (Orgs). *The Signs of Language Revisited*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 2000.

PAYNE, Thomas E. *Exploring language structure: a student's guide*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

PETTER, Margarida; ARAÚJO, Paulo P. Linguística Africana: passado e presente In: PETTER, Margarida. *Introdução à Linguística Africana*. São Paulo: Contexto, 2015.

PICHLER, Deborah Chen. Acquisition. In: PFAU, Roland; STEINBACH, Markus; WOLL, Benice. *Sign Language – An International Handbook*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2012.

QUADROS, Ronice Müller; KARNOPP, Lodenir. *Língua de Sinais Brasileira: Estudos Linguísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUADROS, Ronice. *Educação de surdos: aquisição da linguagem*. Porto Alegre: ARTMED, 1997.

QUADROS, R. M.; SOUSA, A. N. Uma análise do fenômeno “alternância de línguas” na fala de bilíngues intermodais (LIBRAS e português). *ReVEL*, v. 10, n. 19, 2012.

QUINTO-POZOS, David. Deictic points in the visual-gestural and tactile-gestural modalities. In: MEIER, Richard P.; CORMIER, Kearsy; QUINTO-POZOS, David. *Modality and Structure in Signed and Spoken Language*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

SANDLER, Wendy; LILLO-MARTIN, Diane. *Sign Language and Linguistic Universal*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

SCHÖNEFELD, Doris. On evidence and the convergence of evidence in linguistic research. In: SCHÖNEFELD, Doris (Org.) *Converging Evidence: Methodological and Theoretical Issues for Linguistic Research*. Amsterdam: John Benjamins, 2011.

STANOVICH, Keith E. *How to think straight about Psychology*. (10 ed.). Boston: Pearson, 2013.

STOKOE, Williams. Sign language structure: An outline of the communication systems of the American deaf. *Studies in Linguistics, Occasional Papers*, 8. Silver Spring, MD: Linstok Press, 1960.

VERMEERBERGEN, Myriam. Sign Languages: More of the same or not quite? In: BERMÚDEZ, Eloína Miyares; MIYARES, Leonel Ruiz. *Linguistics in First Twenty Century*. Cambridge: Cambridge Scholars Press, 2006.

Recebido em: 30/04/2016

Aceito em: 30/06/2016